



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

LÍSLEI SOUZA DUARTE

**ENTRE REZAS E BENZEÇÕES: EXPRESSÕES DA FÉ E DOS SABERES
DOS BENZEDORES EM CAETITÉ E GUANAMBI**

CAETITÉ – BA
2025

LÍSLEI SOUZA DUARTE

**ENTRE REZAS E BENZEÇÕES: EXPRESSÕES DA FÉ E DOS SABERES
DOS BENZEDORES EM CAETITÉ E GUANAMBI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – Departamento de
Ciências Humanas Campus VI, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em História

Orientador (a): Prof. Dr. João Batista Vicente do
Nascimento

CAETITÉ – BA
2025

LÍSLEI SOUZA DUARTE

**ENTRE REZAS E BENZEÇÕES: EXPRESSÕES DA FÉ E DOS SABERES
DOS BENZEDORES EM CAETITÉ E GUANAMBI**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em História, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI).

Aprovada em 15 de dezembro de 2025, com nota 10,0.

JOÃO BATISTAVICENTE DO NASCIMENTO_____

Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professor Adjunto da UNEB/Campus VI – Orientador

JAIRO CARVALHO DO NASCIMENTO_____

Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professor Titular da UNEB/Campus VI

NAYARA GOMES BASTOS_____

Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Analista Universitária da UNEB/Campus VI

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, à vida — por me mostrar que, assim como a história, ela não é linear. Há curvas, quedas e recomeços.

Agradeço à mainha, Érica, por ser força e coragem em forma de gente, por enfrentar a vida com o coração aberto. A paim, Marivaldo, pela calma e paciência que sempre existiu dentro de si.

A vovó Bebê, por me ensinar o verdadeiro significado do amor, por me mostrar o valor de viver e aproveitar cada instante. A vovô Ziro, por me mostrar que a vida tem que ser vivida.

Ao meu irmão Euler, por testar minha perseverança e me lembrar que a vida também é feita de desafios. A tio Son, por ser incentivo constante, e aos meus tios e tias, que sempre estiveram ali.

Agradeço aos amigos que a universidade me deu — Ana Beatriz, Andrew Lavie, Camile Eduarda e Sâmila — por me fazerem entender que as dificuldades ficam mais leves quando são compartilhadas.

Agradeço também aos amigos que a vida me presenteou — Larissa, Láisa, Marcos Gabriel, Vitor Hugo e Breno — por me mostrarem que a distância não importa, e sim a presença que se faz sentir mesmo na ausência.

À minha namorada, Stefani, que me fez respirar com leveza e me mostra a todo instante que a vida pode ser calma mesmo no meio da turbulência. Com ela, aprendi que o amor é sinônimo de abrigo e certeza.

Agradeço à UNEB como um todo e, em especial, aos professores, que, além de excelentes docentes, foram pessoas que escutaram, acolheram e auxiliaram a todos. Agradeço, de modo particular, ao meu orientador, sempre acolhedor e atento à escuta, que tornou mais leves até mesmo as disciplinas mais complexas.

E, por fim, agradeço a mim mesmo, por ter deixado a curiosidade e a inquietação me guiarem, por enfrentar as barreiras e os empecilhos do caminho. Por sentir o calor do fogo, respirar o vento fresco, tocar a terra e ouvir os pingos da água. Agradeço também a todos os sujeitos de suas histórias, as próprias e as coletivas, as que os fizeram existir e viver.

RESUMO

O presente trabalho investiga as práticas de reza e de benzeção, desenvolvendo uma análise de campo centrada nos municípios de Caetité e Guanambi, situados no Alto Sertão Baiano, evidenciando como essas manifestações se mantêm vivas no contexto atual e continuam a desempenhar um papel essencial na vida daqueles que a procuram. Os benzedores são compreendidos como guardiões de saberes antigos, transmitidos oralmente e fundamentados na fé, no cuidado e na experiência cotidiana. A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e de uma investigação de campo, utilizando formulários e entrevistas tanto com pessoas que recorrem aos benzedores quanto com os próprios praticantes. Por meio desses relatos, foi possível identificar as principais práticas, símbolos religiosos e o uso das ervas nas rezas e curas, além de compreender a relevância social e cultural dessas ações. Observou-se que, mesmo diante das mudanças sociais, urbanas e culturais, o ato de benzer permanece como expressão de solidariedade, espiritualidade e continuidade dos saberes populares, reafirmando a força da religiosidade no cotidiano.

Palavras-chave: Religiosidade popular; Benzedores; Saberes tradicionais; Cotidiano.

ABSTRACT

This study investigates prayer and benzeção practices, developing a field analysis focused on the municipalities of Caetité and Guanambi, located in the Alto Sertão Baiano region, highlighting how these manifestations remain alive in the current context and continue to play an essential role in the lives of those who seek them. The benzedores are understood as guardians of ancient knowledge, transmitted orally and based on faith, care, and everyday experience. The research was developed from a literature review and field investigation, using questionnaires and interviews with both people who seek out benzedores and the practitioners themselves. Through these reports, it was possible to identify the main practices, religious symbols, and the use of herbs in prayers and healings, as well as to understand the social and cultural relevance of these actions. It was observed that, even in the face of social, urban, and cultural changes, the act of blessing remains an expression of solidarity, spirituality, and continuity of popular knowledge, reaffirming the strength of religiosity in everyday life.

Keywords: Popular religiosity; Benzedores; Traditional knowledge; Daily life.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE POPULAR E SABER TRADICIONAL: BASES CONCEITUAIS PARA COMPREENDER OS BENZEDORES.....	12
3. SABERES DO DOM E DOM DOS SABERES NA TRAJETÓRIA DOS BENZEDORES.....	16
4. PLANTA, PALAVRAS E REZAS NO OFÍCIO DE BENZER.....	25
4.1. Guardiões dos saberes.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE.....	42

1. INTRODUÇÃO

A religiosidade popular constitui um dos pilares mais expressivos da cultura brasileira, articulando fé e tradição. Enraizada nas práticas cotidianas e transmitida oralmente de geração em geração, ela se manifesta em gestos, rezas, festas e rituais que ultrapassam o espaço das instituições eclesiais e refletem a criatividade das comunidades na forma de viver e expressar o sagrado. Nesse universo diverso, os benzedores ocupam um lugar relevante, representando uma das expressões mais antigas e significativas da espiritualidade popular. Por meio de rezas, gestos e uso de ervas, eles atuam como mediadores entre o humano e o divino, conciliando práticas religiosas e saberes tradicionais de cura que resistem ao tempo e as transformações sociais.

Os benzedores podem ser compreendidos como guardiões de um saber ancestral, no qual o corpo, a alma e o ambiente se entrelaçam em uma visão integral de saúde e espiritualidade. Suas práticas revelam a coexistência entre o catolicismo popular, o espiritismo, as religiões de matriz africana e indígena, bem como elementos da medicina tradicional, configurando um campo profundamente sincrético. Ao benzer, essas pessoas reatualizam um conhecimento que transcende o gesto ritual, reafirmando laços comunitários e preservando memórias coletivas transmitidas de geração em geração.

A compreensão de memória adotada neste estudo dialoga com as reflexões de Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1989; 1992), que a concebem como um fenômeno coletivo, socialmente produzido e em constante transformação. Nessa perspectiva, lembrar não significa apenas recuperar acontecimentos passados, mas reconstruí-los à luz das experiências, valores e enquadramentos sociais do presente. Assim, a memória se configura como um processo dinâmico, seletivo e interpretativo, intimamente ligado às identidades individuais e grupais, permitindo compreender as práticas dos benzedores como espaços vivos de produção, atualização e ressignificação das tradições culturais

O estudo dessas práticas torna-se ainda mais relevante em um contexto contemporâneo de transformações religiosas e culturais, no qual saberes tradicionais vêm sendo gradualmente invisibilizados, o que tem contribuído para o enfraquecimento de práticas como a benzeção, muitas vezes rotuladas como “superstições” ou “crendices”. Mesmo assim, os benzedores persistem, atuando de modo discreto, mas profundamente enraizado no cotidiano das pessoas, reafirmando a força da fé popular e a continuidade dos saberes herdados.

É nesse cenário que se insere o presente trabalho, cujo recorte geográfico abrange as cidades de Caetité e Guanambi, situadas no Alto Sertão Baiano¹. Este trabalho se deu pela necessidade de valorizar os saberes populares das práticas de benzeção e reza, frequentemente marginalizadas pela historiografia e pela modernidade. Os benzedores representam uma dimensão essencial da religiosidade e da cultura sertaneja, pois através de suas práticas de cura e fé mantém viva uma herança cultural transmitida oralmente, reforçando vínculos de solidariedade. Compreender suas práticas é também compreender a capacidade das comunidades de reinventar tradições, adaptar-se às mudanças e conservar o sentido simbólico do sagrado no cotidiano.

A escolha deste tema justifica-se, em primeiro lugar, pelo seu expressivo valor sociocultural. Em um contexto no qual saberes tradicionais são, muitas vezes, desqualificados, investigá-los significa reconhecer e valorizar conhecimentos historicamente marginalizados. Ao mesmo tempo, a pesquisa também se ancora em uma dimensão pessoal: desde a infância, o contato frequente com benzedoras, experiência compartilhada por minha mãe, avó e demais familiares, despertou interesse e vínculo afetivo com a religiosidade popular. Assim, o trabalho nasce tanto de uma necessidade científica quanto de um compromisso com a preservação de memórias, histórias e práticas que atravessam a vida comunitária.

A pesquisa busca examinar as práticas de reza e benzeção, tendo como estudo os benzedores dos municípios de Caetité e Guanambi, observando como esses rituais acontecem no cotidiano. Para isso, procura identificar em quais espaços essas figuras estão mais presentes e compreender de que forma aprenderam seus saberes. Também se dedica a descrever as práticas que realizam, como seus gestos, rezas e usos de erva, a fim de evidenciar como essas ações se organizam. Também inclui a análise da contribuição dos benzedores na preservação e transmissão dos saberes tradicionais.

Metodologicamente, esta pesquisa integra uma revisão bibliográfica — contemplando estudos de autores que investigam práticas de cura e benzeção — e um trabalho de campo composto por diferentes estratégias de coleta de dados. Foram utilizados formulários online, direcionados a indivíduos que recorrem aos benzedores, além de entrevistas semiestruturadas e

¹ O termo Alto Sertão Baiano é amplamente utilizado por historiadores e pesquisadores das ciências humanas. No entanto, do ponto de vista geográfico e administrativo, as cidades de Caetité e Guanambi integram o Território de Identidade Sertão Produtivo, conforme a divisão territorial estabelecida pelo Governo do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.conselhodecultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35>. Acesso em: 10 nov. 2025

diálogos abertos com praticantes atuantes. Essa combinação de procedimentos buscou ampliar a compreensão do fenômeno a partir das perspectivas tanto dos agentes quanto dos sujeitos que vivenciam essas práticas. Tal escolha visa valorizar as vozes dos próprios praticantes, reconhecendo o benzimento não apenas como ato religioso, mas como prática cultural e social que envolve fé, cura e tradição. O estudo fundamenta-se na centralidade da oralidade como eixo norteador da análise, uma vez que o saber dos benzedores é transmitido, majoritariamente, por meio de experiências vividas, narrativas compartilhadas e ensinamentos informais que atravessam gerações.

Trata-se de uma investigação qualitativa, de inspiração etnográfica, orientada para compreender as práticas de cura, reza e benzeções a partir da perspectiva dos sujeitos que as produzem e vivenciam. A adoção dessa abordagem justifica-se pela especificidade e sensibilidade do objeto de estudo: saberes populares enraizados em territórios locais, cuja compreensão exige atenção às narrativas, aos símbolos, aos gestos e aos silêncios que constituem esse universo.

A oralidade, nesse contexto, configura-se como o principal meio de transmissão, preservação e legitimação desses conhecimentos. Conforme destaca Paul Thompson (1992), a história oral permite dar voz a sujeitos e grupos sociais cujas práticas, muitas vezes, não são registradas nos arquivos oficiais. No caso dos benzedores de Caetitê e Guanambi, a oralidade não é apenas um veículo comunicativo, mas um espaço de continuidade cultural e reafirmação identitária².

Por meio das entrevistas e relatos colhidos através do formulário online, busca-se registrar processos de aprendizagem das rezas, usos de plantas medicinais, rituais de cura e experiências que compõem o cotidiano desses indivíduos. Ao narrar suas trajetórias, os benzedores não apenas descrevem práticas, mas reconstróem sentidos.

O trabalho está organizado em três seções, além das considerações finais. A primeira apresenta a fundamentação teórica sobre religião, religiosidade e saber popular, com base em autores como Elizete da Silva, Miguel Coelho, Michel de Certeau e Roger Chartier, situando

² Identidade, segundo Stuart Hall (1992; 2000), não é uma essência fixa, mas um processo em constante formação, moldado por discursos, experiências culturais, relações sociais e mecanismos de poder. Para o autor, as identidades são múltiplas, negociadas e historicamente situadas, emergindo das formas pelas quais os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos nos espaços sociais que habitam. Quando aplicada aos benzedores, essa noção revela que sua identidade não se define apenas pela prática de benzer, mas pela articulação entre memória, tradição, reconhecimento comunitário e os significados culturais atribuídos ao seu papel no território em que atuam.

os benzedores no campo da religiosidade vivida e do saber popular. A segunda seção aborda a distribuição geográfica dos benzedores, evidenciando os bairros onde estão mais presentes e os modos pelos quais adquiriram seus saberes. A terceira seção descreve as principais práticas dos benzedores, explorando os rituais de cura, o uso de ervas e os símbolos religiosos, incluindo uma subseção que discute o papel desses sujeitos na preservação e transmissão dos saberes tradicionais. Ao longo da análise, evidencia-se que, mesmo diante das transformações contemporâneas e das pressões institucionais, os benzedores permanecem como uma presença viva no cotidiano, na espiritualidade e na memória cultural das comunidades.

2. RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE POPULAR E SABER TRADICIONAL: BASES CONCEITUAIS PARA COMPREENDER OS BENZEDORES

O estudo dos benzedores requer uma reflexão que ultrapassa o campo estritamente religioso, adentrando as dimensões culturais, simbólicas e cotidianas da vida social. Para compreender suas práticas, é necessário situá-los dentro de um universo mais amplo de significados: o da religiosidade popular e do saber popular, expressões vivas da cultura.

O termo religião é um dos mais complexos e debatidos das ciências humanas. Diversos autores, ao longo da história, buscaram defini-la sob diferentes perspectivas filosófica, sociológica, teológica ou psicológica. Essa diversidade de interpretações revela tanto a amplitude do fenômeno quanto sua natureza plural. Em razão dessa multiplicidade, este trabalho reconhece as várias formas de compreensão do termo, mas adota como base conceitual a distinção proposta por Elizete da Silva (2010), cuja leitura enfatiza a vivência prática e cotidiana da fé, mais condizente com o universo dos benzedores.

Para Durkheim (1912), a religião constitui um sistema de crenças e práticas relativas ao sagrado, que une os indivíduos em uma comunidade moral. Essa concepção destaca a função social da religião, a de promover coesão, controle e pertencimento. Assim, ela não se limita à fé individual, mas atua como força estruturante da vida coletiva. Por sua vez, Prandi (2008) chama atenção para a mutabilidade da religião no mundo contemporâneo. Segundo o autor, as religiões sobrevivem à medida que conseguem dialogar com as transformações culturais e oferecer sentido à vida cotidiana dos fiéis. Essa ideia é essencial para compreender o dinamismo da religiosidade popular, que se reinventa e se adapta sem perder suas raízes.

Diante dessa variedade de concepções, torna-se evidente que a religião não possui uma definição única e definitiva. Neste trabalho, compreende-se que o foco não estará na religião em si, mas na religiosidade, entendida como experiência vivida da fé e das práticas cotidianas. Adota-se, portanto, a perspectiva de Elizete da Silva (2010, p. 105), para quem “a religião é a instituição, o corpo sacerdotal, a hierarquia, a teologia e as doutrinas, enquanto a religiosidade são as vivências, os sentimentos e as práticas que permeiam o cotidiano do fiel.” Essa escolha metodológica se justifica porque a pesquisa busca estudar as formas populares de expressão da fé, nas quais o sagrado se manifesta através da palavra, da cura e do gesto, e não nas estruturas institucionais das igrejas.

Embora frequentemente confundidos, os conceitos de religião e religiosidade não são equivalentes. Enquanto a religião se refere à estrutura formal, à doutrina e à organização institucional, a religiosidade diz respeito à dimensão vivida da fé, às manifestações espontâneas do sagrado no cotidiano. As práticas de reza e benzeção dos benzedores expressam uma relação pessoal e comunitária com o divino, construída pela oralidade e sustentada pela tradição. Nelas, o sagrado é acessado não por mediação clerical, mas pela fé e pela experiência direta. Essa religiosidade, marcada por simplicidade e espontaneidade, reflete a sabedoria popular dos grupos marginalizados.

A religiosidade popular ocupa um lugar central na cultura brasileira, resultante do encontro entre matrizes indígenas, africanas e europeias. Segundo Coelho (2017), ela constitui uma herança cultural híbrida, que combina elementos cristãos com tradições mágicas e míticas anteriores à evangelização, expressando-se em rituais como romarias, promessas, devoção aos santos, curas e benzeções. Azzi (1978) observa que fé e cultura caminham de mãos dadas, tornando difícil separar o religioso do cultural. Essa interdependência é evidente nas práticas populares de reza e cura, que misturam oração, ervas, símbolos católicos e saberes tradicionais. Trata-se de uma religiosidade que não se limita ao espaço da Igreja, mas se manifesta nos lares, nas feiras e nas comunidades, mantendo viva uma espiritualidade profundamente enraizada no cotidiano.

Como explica Prandi (2008, p. 170), a força das religiões populares está em sua capacidade de “dotar o fiel de meios simbólicos para que a vida possa fazer sentido”. Essa é justamente a função dos benzedores: transformar o sofrimento em esperança, a doença em experiência compartilhada e o gesto ritual em cuidado e afeto. Dessa forma, a religiosidade popular deve ser compreendida como uma prática cultural e social, capaz de articular fé, cura e identidade.

O saber popular constitui o eixo central das práticas desses indivíduos, representando um tipo de conhecimento construído fora dos espaços formais da ciência, transmitido oralmente e enraizado na experiência coletiva. Segundo Certeau (1998), o cotidiano é o espaço em que os sujeitos comuns inventam modos próprios de agir, resistir e reinterpretar o mundo. Em “A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer”, o autor explica que “artes de fazer” correspondem às táticas criativas utilizadas pelas pessoas comuns em suas práticas diárias, como falar, caminhar, ler ou cozinhar, para lidar com as estruturas e normas impostas pela sociedade. Tais ações revelam a capacidade dos sujeitos de reinventar e dar novos sentidos ao cotidiano,

transformando o uso passivo da cultura em um ato de criação e resistência. Mesmo inserido em estruturas de poder e dominação, o povo não é passivo; ao contrário, cria táticas e práticas criativas para subverter, adaptar e conferir novos significados às normas impostas. Nesse sentido, os benzedores exemplificam essa dimensão da criatividade popular: ao rezar, benzer e curar com ervas e palavras, eles transformam o cotidiano em um campo de produção de sentido e de saber, reelaborando tradições e construindo práticas que articulam fé, experiência e cuidado. O ato de benzer, portanto, transcende o gesto religioso, configurando-se como uma forma de existência e uma maneira de afirmar o conhecimento popular frente à hegemonia da ciência e da religião institucionalizada.

Complementando essa perspectiva, Chartier (1995) reforça que a cultura popular não deve ser compreendida como mera reprodução da cultura erudita. Ela constitui um campo de práticas simbólicas em que os sujeitos reinterpretem tradições de maneira dinâmica. Assim, o saber popular dos benzedores não é um resíduo do passado, mas um conhecimento ativo, constantemente recriado nas interações sociais. As rezas, os gestos e o uso de ervas não se limitam somente a práticas herdadas; são formas de expressão cultural que refletem a criatividade cotidiana e a capacidade de adaptação às necessidades da comunidade. Compreender essas práticas como manifestações de cultura popular permite valorizar o seu papel como produtores de saberes complexos, que articulam tradição, experiência e inovação.

Na perspectiva de Burke (2010), a cultura popular deve ser compreendida como um sistema de significados que orienta maneiras de pensar, sentir e agir, e não como um conjunto secundário de práticas folclóricas ou “arte menor”. Para o autor, aquilo que chamamos tradição não é simplesmente repetido, mas constantemente reinterpretado pelos sujeitos, que recriam rituais, narrativas e símbolos conforme suas necessidades históricas e sociais. A cultura popular, portanto, combina continuidade e inovação, preservando-se justamente porque é dinâmica e criativa, e não estática. Além disso, Burke destaca que sua transmissão ocorre predominantemente pela oralidade e pela convivência cotidiana, em um processo circular no qual as práticas são aprendidas, observadas, repetidas e novamente transformadas no interior das comunidades. Essa compreensão permite reconhecer que os saberes populares, como aqueles presentes nas benzeções, constituem formas legítimas de conhecimento, dotadas de racionalidade própria e profundamente enraizadas na experiência coletiva.

De forma complementar, Portelli (1997), ao abordar a história oral, destaca que as narrativas populares não se restringem a relatos de fatos, mas constituem interpretações

carregadas de sentido. Nesse contexto, a voz dos benzedores deve ser entendida não como registro folclórico, mas como testemunho histórico e simbólico, capaz de legitimar experiências e identidades frequentemente marginalizadas pela memória oficial. O saber popular manifesta-se por meio da transmissão oral, da dimensão prática e simbólica. Ele não apenas transmite conhecimento, mas constitui um modo de existir: um saber que cura, protege e fortalece os vínculos comunitários.

As práticas de benzeção podem ser ainda mais profundamente compreendidas à luz do conceito de saber orgânico, apresentado por Nêgo Bispo (Santos, 2015), entendido como um conhecimento que não se organiza pela escrita acadêmica, mas que nasce da experiência coletiva, da relação com o território e da oralidade. Trata-se de um saber vivido no cotidiano, transmitido nos gestos, nas rezas, no uso das plantas e na convivência comunitária, sendo constantemente recriado.

Nesse sentido, os benzedores são portadores de um conhecimento que ultrapassa a dimensão religiosa ou terapêutica, expressando um modo de viver no qual fé, memória, natureza e cuidado se entrelaçam, sustentando vínculos comunitários e mantendo vivas tradições historicamente marginalizadas.

Diante do exposto, compreende-se que as práticas de benzeção se situam no cruzamento entre religiosidade popular e saber popular. Elas articulam fé, tradição e experiência, operando como espaços de preservação cultural. Enquanto a religião fornece a base simbólica, a religiosidade traduz essa base em práticas concretas, e o saber popular assegura sua continuidade por meio da oralidade e do cotidiano. Dessa forma, o estudo é desenvolvido como manifestação viva da religiosidade popular, sustentada por saberes tradicionais transmitidos pela palavra e pelo gesto, que resistem ao tempo e ao esquecimento.

3. SABERES DO DOM E DOM DOS SABERES NA TRAJETÓRIA DOS BENZEDORES

A religiosidade popular no Brasil constitui-se como um campo de múltiplas expressões, que articula fé, cultura e resistência. Desde o período colonial, práticas religiosas foram reelaboradas pelos povos indígenas, africanos e mestiços em diálogo com o catolicismo oficial. Esse fenômeno deu origem a uma religiosidade que se desenvolve para além das instituições eclesiais, adaptando-se às necessidades concretas do cotidiano.

Observa-se que o caso brasileiro constitui um exemplo singular de interação entre tradições religiosas, especialmente nos períodos colonial e pós-colonial. Nesse contexto, Magalhães em sua dissertação de mestrado expõe:

No Brasil, há um sincretismo cultural-religioso fruto do encontro das diversas etnias. Ganhamos desta pluralidade modos de expressões caracterizadas por crenças diversas: as indígenas, nas quais está presente a reverência à natureza; as européias, com as religiões de origem judaico-cristã; as africanas, com a riqueza de cultos e ritos. (Magalhães, 2012, p. 15)

Essa pluralidade explica a vitalidade de práticas que, mesmo não sancionadas pela Igreja, enraizaram-se na vida cotidiana e tornaram-se marcas da identidade cultural e espiritual do povo.

Nesse sentido, a religiosidade popular aparece como um espaço de fronteira entre fé e cultura. Como ressalta Azzi (1978, p. 10), “fé e cultura caminham de mãos dadas, numa inter-relação tão íntima que não poucas vezes é difícil distinguir o cultural do religioso”. Tal perspectiva encontra eco em Coelho (2012, p.13), que reconhece a complexidade de defini-la: “Definir de forma precisa a religiosidade popular não é fácil. Ela é por vezes associada a classes subalternas, religiosidade tradicional e folclórica, religiosidade do homem médio desprovido de formação teológica especial”. Ainda assim, é justamente essa maleabilidade que lhe garante permanência histórica e resiliência frente às pressões institucionais.

No interior desse universo, desenvolveu-se o chamado catolicismo popular, descrito por Sousa (2021, p. 726) como “a religiosidade tida como espontânea e originária do povo, das camadas ditas populares, em diferentes períodos da História do Brasil”.

O chamado catolicismo popular pode ser entendido como uma prática religiosa marcada pela flexibilidade e pela capacidade de integrar diferentes tradições e crenças, produzindo um sincretismo próprio. Essa dinâmica permitiu tanto acomodações quanto conflitos em relação à doutrina oficial da Igreja, revelando um campo de negociação constante entre normas

institucionais e vivências cotidianas. As expressões mais visíveis desse modo de religiosidade manifestam-se em práticas como romarias, procissões, promessas, veneração de imagens, e benzimentos, que funcionam como suportes simbólicos de fé e de identidade coletiva (ISER, 2022). Assim, longe de ser mera reprodução da tradição eclesial, o catolicismo popular construiu uma forma própria de religiosidade, profundamente enraizada no cotidiano das comunidades.

A análise desse fenômeno pode ser aprofundada a partir da reflexão de Mircea Eliade (1992), que entende a experiência religiosa como estruturada na dualidade entre o sagrado e o profano. Para o autor, o mundo profano pode ser constantemente transfigurado em sagrado por meio de hierofanias, ou seja, manifestações que revelam o caráter divino em elementos aparentemente comuns.³ Essa leitura ajuda a perceber que no âmbito da religiosidade popular, práticas como a benzeção conferem nova dimensão a recursos simples e cotidianos, por exemplo água, ervas, ramos e palavras, que passam a operar como mediadores do contato com o transcendente. Trata-se de um processo de ressignificação que demonstra a força criativa das pessoas em atualizar constantemente a presença do sagrado no cotidiano.

A benzeção, inserida nesse movimento, torna-se um exemplo concreto de como o sagrado ultrapassa os limites institucionais e se manifesta em espaços domésticos e comunitários, reforçando a importância da religiosidade popular como eixo de continuidade cultural e espiritual.

É nesse cenário que se inserem os benzedores, compreendidos como agentes fundamentais da religiosidade popular. Eles são tradicionalmente reconhecidos por sua função de mediar a relação entre a comunidade, o sagrado e a tradição herdada, preservando costumes e práticas transmitidas de geração em geração (Coelho, 2017). O ato de benzer, nesse sentido, deve ser entendido como uma prática naturalmente religiosa, impossível de ser dissociada das expressões de fé, uma vez que carrega simbologias profundas e articula diferentes matrizes culturais e espirituais. Conforme aponta Nayara Gomes Bastos (2024), ao dialogar com Aguiar (2012) em seu estudo sobre as benzedoras de Rio de Contas (BA), o benzimento pode ser compreendido como uma vertente da religiosidade popular, marcada por uma intensa carga simbólica que integra oração, gesto e crença. Essa dimensão religiosa torna indissociável a

³ Segundo Mircea Eliade (1992), hierofania são as manifestações do sagrado no mundo, ou seja, o momento em que algo comum, como um objeto, um espaço ou um ser, se torna portador de uma realidade sagrada, diferenciando-se do profano e revelando uma dimensão espiritual da existência.

prática do benzimento das manifestações de fé vividas cotidianamente pelas comunidades, o que contribui para que, em muitos contextos, o benzedor alcance reconhecimento e até certo prestígio social. Assim, o benzimento não se restringe a um ritual de cura, mas se configura como uma expressão significativa da religiosidade vivida e do saber popular. Assim, a benzeção configura-se como um fenômeno sincrético, que reúne elementos do catolicismo popular, do espiritismo, das religiões afro-brasileiras e dos saberes indígenas.

Para além da sua dimensão simbólica, a legitimidade de uma bênção está diretamente ligada ao reconhecimento social. A eficácia deste ofício depende tanto da fé do benzedor na sua prática como da fé daqueles que a eles recorrem e, sobretudo, do reconhecimento coletivo que sustenta a sua autoridade na comunidade. É neste ponto que a natureza social da cura se torna evidente: o milagre atribuído aos benzedores não é apenas um fenômeno espiritual, mas também um processo culturalmente reconhecido, no qual o trabalho destas mulheres e homens são legitimados pela fé e confiança partilhadas que nelas depositam.

Essa configuração da religiosidade popular no Brasil também se reflete no sertão baiano, onde fé, tradição e cultura se entrelaçam de maneira singular. Nas cidades de Caetité e Guanambi, observa-se uma expressiva pluralidade religiosa, marcada pela convivência entre práticas institucionais e manifestações populares em constante transformação. O catolicismo, historicamente predominante, compartilha espaço com o espiritismo, a maçonaria, as religiões de matriz africana e a crescente presença de igrejas protestantes, especialmente em suas vertentes neopentecostais. Essa diversidade revela um campo religioso plural e dinâmico, no qual as práticas de benzeção se mantêm como expressões vivas da fé popular, articulando saberes ancestrais e reafirmando a continuidade da religiosidade no cotidiano sertanejo.

⁴A formação de Caetité está profundamente vinculada à presença da Igreja Católica desde o período colonial, com a criação de uma capela dedicada a Santa Ana, marco inicial da organização do antigo arraial. Essa capela consolidou a vida social e a devoção local, contribuindo para a criação da freguesia em 1754 e, posteriormente, para a elevação de Caetité à condição de vila em 1810. Essa centralidade religiosa se aprofundou ao longo dos séculos, culminando na criação da Diocese de Caetité em 1913, que reforçou o papel institucional da Igreja na vida simbólica, política e comunitária da região. A tradição católica se manifesta na

⁴ As informações apresentadas nos parágrafos a seguir foram obtidas a partir de trabalhos anteriores e de sites eletrônicos (<https://caetite.ba.gov.br/a-historia/>; <https://diocesedecaetite.org.br/>), bem como da obra Guanambi: histórias, memórias e relatos de várias épocas (Teixeira; Teixeira, 2019), que reúne registros históricos e narrativas sobre a região.

conservação de templos, nas festividades religiosas e na atuação de irmandades leigas, que moldaram práticas de fé e expressões culturais. Contudo, a paisagem religiosa caetiteense não se restringe ao catolicismo: o município reúne centros espíritas, terreiros de religiões afro-brasileiras, igrejas protestantes e até instituições fraternais, como lojas maçônicas, revelando um campo religioso plural, dinâmico e interligado, no qual convivem práticas de devoção, cura, sociabilidade e pertencimento comunitário.

Em Guanambi, o catolicismo também desempenhou papel estruturante desde os primórdios do povoamento. O núcleo urbano surgiu em torno da capela de Santo Antônio, construída em 1870 em substituição à antiga “Casa de Orações” de taipa erguida pelos devotos. Essa capela funcionou como o centro espiritual e social do arraial, impulsionando o crescimento populacional e contribuindo diretamente para sua emancipação política, concretizada em 1919. A Igreja Matriz de Santo Antônio permanece como principal referência religiosa da cidade, mas, assim como em Caetité, o cenário contemporâneo revela significativa diversidade de crenças. O município abriga centros espíritas, terreiros urbanos, lojas maçônicas e um número crescente de igrejas protestantes, especialmente das vertentes pentecostais e neopentecostais, cuja presença se expandiu de forma intensa nas últimas décadas. O surgimento constante de novas igrejas em bairros periféricos reflete transformações no campo religioso brasileiro contemporâneo, marcado pela fluidez das pertencas e pela valorização de experiências de fé mais pessoais e comunitárias.

Nesse contexto, a Congregação Cristã no Brasil (CCB) consolidou-se como ator central: em julho de 2024, foi inaugurado em Guanambi o maior templo da denominação no interior da Bahia, com capacidade para milhares de fiéis. Essa monumentalidade evidencia a mobilização da comunidade evangélica e ilustra a expansão do pentecostalismo no sertão baiano. Além da CCB, observa-se a constante criação de novas igrejas neopentecostais em diferentes bairros e periferias urbanas, característica marcante do protestantismo contemporâneo no país.

Dentro dessa paisagem religiosa plural, as práticas de benzeção e rezas continuam a ocupar um espaço singular de fé e confiança comunitária, atuando onde as instituições nem sempre alcançam. Essa pluralidade religiosa em Caetité e Guanambi evidencia que as práticas dos benzedores se inserem em um contexto profundamente sincrético. As rezas, o uso de plantas medicinais e os gestos de cura representam um elo entre o catolicismo popular, tradições afro-brasileiras e influências espíritas, preservando saberes ancestrais em um ambiente marcado pela diversidade e pela rápida transformação do campo religioso. Os benzedores atuam nesse espaço

de mediação, oferecendo cura, proteção e conforto espiritual, mantendo viva uma dimensão da religiosidade que dialoga tanto com instituições formais quanto com práticas comunitárias.

Como observam Maria Soares da Silva Teixeira e José Bonifácio Teixeira sobre o município de Guanambi:

A influência religiosa sempre fez parte da formação e do desenvolvimento de nossa cidade. O sincretismo tem contribuído para o desenvolvimento cultural, filosófico, religioso e atividades sociais de nossa cidade. Cada religião conta com suas igrejas, seus templos, espaços de oração, dogmas, suas ideologias, doutrinas-base, superstições e rituais que enriquecem a história cultural e religiosa de nossa cidade (Teixeira; Teixeira, 2019, p. 351).

Dessa forma, estudar os benzedores em Caetité e Guanambi requer reconhecer a complexidade do cenário religioso local, marcado pela coexistência de tradições consolidadas, inovações pentecostais e práticas populares sincréticas, que juntas constituem a identidade espiritual e cultural dessas comunidades.

Diante desse cenário religioso plural e profundamente enraizado no cotidiano das comunidades, o desenvolvimento desta pesquisa possibilitou a realização de um trabalho de campo voltado a compreender como as práticas de benzeção se manifestam atualmente em Caetité e Guanambi. Para isso, foi elaborado um formulário on-line na plataforma Google Forms, divulgado virtualmente entre moradores das duas cidades e de seus distritos, sobretudo entre pessoas que já haviam sido benzidas, que recorrem às benzeções ou que conheciam benzedores(as). Ao todo, foram obtidas 25 respostas, permitindo mapear locais de atuação, tipos de demandas e percepções associadas aos rituais. Além do formulário, foram realizadas duas entrevistas com benzedores reconhecidos em suas comunidades: Dona Helena Xavier Prates, residente em Caetité, e Sr. Gracilho de Oliveira Pimentel, morador de Mutans, distrito de Guanambi. As conversas ocorreram em tom aberto e dialogado, favorecendo a partilha de memórias e experiências relacionadas ao ofício de benzer. Ambos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o uso de suas falas para fins acadêmicos, o que assegura o compromisso ético da investigação e aprofunda a compreensão sobre o lugar social e simbólico dos benzedores na região.

A partir das respostas obtidas no formulário, foi possível identificar a presença de benzedoras e benzedores em diferentes localidades, abrangendo tanto a sede urbana quanto os distritos e zonas rurais dos municípios de Guanambi e Caetité. As informações reunidas revelam a pluralidade dessas práticas e evidenciam a permanência de saberes tradicionais que atravessam gerações, configurando-se como um importante elemento de identidade cultural e

religiosidade popular. Essa permanência é observada não apenas na continuidade dos rituais de cura e proteção, mas também na forma como esses saberes são transmitidos dentro das famílias e comunidades, sobretudo entre mulheres e pessoas mais velhas. Em diversas respostas, os participantes relataram ter sido benzidos desde a infância e continuarem recorrendo à benzeção na vida adulta, o que demonstra que essa prática permanece viva e socialmente reconhecida como uma forma legítima de cuidado e expressão de fé.

Entretanto, este estudo dá ênfase especial aos(as) benzedores(as) que atuam na zona urbana, considerando que sua permanência nesses espaços é mais complexa diante da diversidade cultural, da expansão urbana e da crescente influência de novos hábitos e crenças que tendem a invisibilizar práticas tradicionais. Nesse contexto, foi elaborado um quadro com os bairros e distritos de maior destaque na pesquisa, reunindo as localidades com maior número de menções e coincidências entre as respostas. Esse levantamento evidenciou que, embora as práticas de benzimento sejam mais recorrentes em áreas rurais, ainda há presença significativa, e simbólica na zona urbana. Essa presença não se expressa apenas pelo número de praticantes, cuja localização se mostrou difícil ao longo da pesquisa, motivando, inclusive, a criação de um formulário online para facilitar a identificação, mas pela força de reconhecimento social que ainda mantêm: mesmo quando alguns participantes afirmaram não saber onde vivem os benzedores, relataram que familiares ou amigos os conhecem e recorrem a eles com frequência. Tal constatação evidencia que o benzimento continua circulando por meio das redes de memória e oralidade, configurando uma prática viva e adaptada ao contexto urbano.

Quadro 01: Distribuição dos benzedores e benzedoras nos bairros e distritos pesquisados

Cidade	Bairro / Distrito
Caetité	Feira Velha; Centro; Maniaçu (distrito); Cachoeirinha (distrito); Caldeiras (distrito);
Guanambi	BNH; Vila Nova; Brasília; Caiçara; Mutans (distrito);

Fonte: autoria própria, 2025.

Os dados coletados indicam que muitos benzedores já faleceram, enquanto outros se mudaram para zonas rurais ou diferentes cidades, dificultando o contato. Outros relatos situam benzedores em bairros que, na percepção da população local, são considerados “perigosos” ou estigmatizados. Essa caracterização pelos moradores evidencia fatores de exclusão social e estigmatização, refletindo a forma como determinadas áreas da cidade são socialmente

construídas e avaliadas. Há também relatos de pessoas cujos endereços precisaram ser descritos de forma imprecisa, como “não sei a rua nem o bairro” ou “todo mundo conhece lá”, indicando que o conhecimento sobre esses praticantes é muitas vezes comunitário e baseado em referências locais.⁵

Do ponto de vista acadêmico, a concentração de benzedores em bairros socialmente marginalizados e em zonas rurais reflete tanto fatores históricos quanto culturais. Historicamente, essas áreas tendem a preservar tradições populares e práticas religiosas sincréticas, funcionando como espaços de resistência cultural e manutenção de saberes ancestrais. Socialmente, esses territórios se caracterizam por vínculos comunitários mais próximos e pela circulação de práticas espirituais não institucionalizadas, o que facilita a transmissão oral dos saberes de geração em geração.

Entretanto, observa-se que, nas últimas décadas, o crescimento expressivo das igrejas neopentecostais, especialmente em bairros periféricos e comunidades populares, tem alterado significativamente esse cenário religioso. A difusão da chamada teologia da prosperidade⁶, que associa fé à conquista material e ao sucesso individual, tem atraído grande número de fiéis, provocando uma reconfiguração das práticas espirituais locais. Nesse contexto, muitas pessoas que antes recorriam as benzeções passaram a adotar discursos religiosos que condenam ou deslegitimam essas práticas, classificando-as como “superstições” ou “crendices”. Essa mudança tem contribuído para a diminuição da procura pelos serviços dos benzedores e, conseqüentemente, para a ampliação de sua invisibilidade social.

Ainda assim, mesmo diante desse avanço das religiões neopentecostais e da crescente estigmatização, os benzedores continuam atuando nos espaços populares, sustentadas pela confiança comunitária e pela força da tradição. Seu ofício, embora cada vez mais discreto, permanece, reafirmando o valor do saber popular e a permanência da religiosidade enraizada no cotidiano.

Diante das transformações sociais e religiosas contemporâneas, os benzedores permanecem como guardiões de um saber ancestral, transmitido oralmente e legitimado pela fé e pela experiência comunitária. Mesmo com as mudanças culturais, urbanas e espirituais que

⁵ Relatos obtidos por meio de formulário aplicado no âmbito desta pesquisa, respondido por participante anônimo.

⁶ A teologia da prosperidade é uma corrente doutrinária surgida entre grupos evangélicos carismáticos nos Estados Unidos e difundida no Brasil a partir das igrejas neopentecostais. Ela prega que a fé verdadeira deve produzir prosperidade material, saúde e sucesso, estabelecendo uma relação direta entre espiritualidade e consumo. Nascimento (2022).

marcam o cenário atual, observa-se que a prática do benzimento ainda se mantém viva e presente na vida cotidiana de muitas pessoas, sobretudo entre aquelas que reconhecem nesses indivíduos uma expressão genuína da religiosidade popular.

Um exemplo representativo dessa permanência é o de Dona Helena Xavier Prates⁷, moradora da sede do município de Caetité. Nascida em 1955, atualmente com 70 anos, Dona Helena continua a exercer o ofício de rezar e benzer aqueles que a procuram. Em entrevista concedida à pesquisa, ela relatou que *“é uma coisa, é um dom que Deus me deu desde pequenininha [...] desde sempre, eu já nasci com esse dom de saber”*. Sua fala revela a compreensão da benção como um dom divino e uma vocação natural, construída na fé e na prática cotidiana. Ainda na juventude, Dona Helena já intercedia por familiares e conhecidos, como demonstra o episódio que recorda: *“oia, eu desse tamainho assim oh eu ia na casa da minha vó e ela quechava que tava ruim ai eu falava pra ela assim oh eu vou te rezar ai eu rezava e ela ficava boa, eu desse tamainho assim oh ai ela falava minha fia eu tô boa e sempre foi assim”*.

Natural da localidade de Santa Cavallo, região de Brejinhos das Ametistas, distrito de Caetité, atualmente, Dona Helena reside no Abrigo Nossa Senhora Santana, onde mantém em seu quarto um pequeno altar repleto de imagens de santos, velas, terços, fitas bomfim e fotografias de pessoas queridas — objetos que expressam seu vínculo afetivo e espiritual. Ela afirma com orgulho: *“Não cobro nada de ninguém [...] eu nunca deixo eles no escuro, eu compro direto a vela pra lumiar meu santo assisto a missa Nossa Senhora Aparecida, na televisão só fica na aparecida assistindo missa rezando o terço.”* Esse espaço íntimo, cuidadosamente organizado, simboliza a continuidade da fé e a centralidade do sagrado em sua vida.

Outro exemplo que evidencia a permanência e a força da religiosidade popular na região é o de Seu Gracilio⁸, morador de Mutans, distrito de Guanambi, que também exerce a prática desde pequeno. Ele relata que *“eu não aprendi, com outras pessoas eu não aprendi. Eu fui na casa de um rezador uma vez aí eu não esqueci da reza, aí nois tinha uma vó, ela levou nois uma vez lá quando nois era pequeno levou nois lá na casa de uma veia lá aí ela rezou a reza e eu fui e não esqueci da reza [...] tem gente que já nasce com o dom daquilo, né?”*. Assim como

⁷ As informações apresentadas foram obtidas no âmbito da pesquisa e contam com a autorização da participante para sua divulgação, concedida durante entrevista realizada em outubro de 2025.

⁸ As informações apresentadas foram obtidas no âmbito da pesquisa e contam com a autorização do participante para sua divulgação, concedida durante entrevista realizada em novembro de 2025.

Dona Helena, Seu Gracilio também compreende o ofício como um dom divino, algo que se manifesta espontaneamente. Aos 66 anos, Gracilio de Oliveira Pimentel, atualmente morador do bairro Prisco Viana, atende muitas pessoas que o procuram, sempre sem cobrar, como afirma: *“e eu faço isso pra qualquer pessoa e se ele vê que tá miorando ele chega e me dá um agrado pode ser qualquer tanto aí eu recebo porque eu n tô cobrando reza. Ai eu falar é tanto aí eu já tô roubando”*. Seus relatos demonstram a disponibilidade constante com que exerce o ofício, mesmo em situações cotidianas: *“Tem hora que eu tô lá, na banca de jogo lá, aí tem uma criança pra você rezar, fulano quer que você vai lá pra você fazer uma oração pra ele. Então eu falo assim, eu vou. Outra hora eu tô na banca ou em qualquer lugar, e eu falo eu vou lá em casa aí e eu sento assim chego lá tem uma criança que tá ruim aí eu rezo”*. Para ele, a eficácia da benzeção está fundamentada na fé, como reforça ao mencionar: *“cê já viu a música da espinheira danada? Que a gente travessa pra poder viver? Então a pessoa vai e com aquela reza ela atravessa tudo vai que você tá sem poder levantar, se eu rezar em você, você levanta. Agora melhorei. Por causa da fé. Quem tem a fé vale tudo, porque com Deus vale tudo. Sem Deus não tem nada a resolver. Quem resolve tudo é Deus”*. Sua narrativa evidencia que ele se vê apenas como um intermediário, sendo Deus o verdadeiro responsável pelo processo de cura.

Assim, Dona Helena e Seu Gracilio, representam um elo entre passado e presente, entre tradição e resistência. Suas trajetórias confirmam que, mesmo diante das transformações sociais, religiosas e culturais, o saber daqueles que benzam e rezam segue pulsante, reafirmando a importância da religiosidade popular no cotidiano dos indivíduos.

4. PLANTAS, PALAVRAS E REZAS NO OFÍCIO DE BENZER

Os benzedores são figuras centrais na medicina popular, conforme destacado em diferentes estudos sobre religiosidade popular e práticas de cura. Nesse sentido, Calvelli (2011, p. 365) classifica esses sujeitos como “profissionais do sagrado”, manipuladores de símbolos mágico-religiosos que compõem o repertório cultural e religioso do Brasil. Em diálogo com a leitura de Mircea Eliade (1992), pode-se entender que nas rezas e gestos dos benzedores o sagrado se manifesta por meio de hierofanias cotidianas (palavras, ramos, água e orações) que transformam o comum em espaço de cura e transcendência.

Nos municípios de Guanambi, Caetité e seus distritos, as práticas de benzeção apresentam-se de forma diversificada e fortemente vinculada ao cotidiano das pessoas. Os dados coletados por meio dos formulários revelam que as práticas mais recorrentes estão relacionadas ao quebranto, ao mau-olhado, à busca por proteção espiritual e à cura de enfermidades.

O quebranto é a prática mais recorrente, sendo quase unanimemente mencionada. Popularmente entendido como um mal associado ao “mau-olhado”, “olho gordo” e ao “olho-ruim”, é frequentemente compreendido como equivalente ao próprio mau-olhado, já que ambos designam manifestações de energias negativas transmitidas pelo olhar, especialmente prejudiciais às crianças. Entre seus principais sintomas destacam-se a sonolência, o olhar entristecido com a vista baixa e o bocejo recorrente (Oliveira e Trovão, 2009; Theotônio, 2010; e Pimentel, 2006). O benzimento, nesses casos, atua como neutralizador dessas forças, restabelecendo o equilíbrio espiritual e físico.

Outro aspecto amplamente relatado é a busca por proteção espiritual. Muitos indivíduos afirmam recorrer os benzedores em momentos de mudança de ciclo, viagens ou situações de vulnerabilidade, compreendendo o ritual como uma forma preventiva de proteção, que funciona como um escudo simbólico contra forças maléficas, espíritos ruins ou obstáculos cotidianos.

A cura de doenças também se apresenta como motivo recorrente. Diversos relatos destacam que, após o insucesso de tratamentos médicos convencionais, a melhora foi alcançada apenas por meio do benzimento. Um exemplo emblemático refere-se ao caso de uma alergia que resistira a quinze dias de tratamento médico, mas que foi solucionada imediatamente após a reza de um benzedor local.⁹ Esse episódio evidencia a confiança da comunidade no poder

⁹ Relato obtido por meio de formulário aplicado no âmbito desta pesquisa, respondido por participante anônimo.

terapêutico das rezas e gestos dos benzedores, que não se restringem ao plano espiritual, mas são compreendidos como complementares ao cuidado da saúde física. Desse modo, observa-se que a medicina popular não se opõe à medicina erudita, mas a complementa, oferecendo sentido espiritual e emocional à cura física, sobretudo onde a medicina institucional não alcança.

Entre as enfermidades mencionadas como tratadas destacam-se a espinhela caída ou vento caído, geralmente atribuídos a esforços físicos ou quedas e identificados por sintomas como vômitos, enjoos, falta de ar e fadiga (Theotônio, 2010 e Santos, 2007); a carne quebrada, correspondente às dores musculares; a íngua, associada a inchaços; o cobreiro de bicho, caracterizado por dores e lesões cutâneas, popularmente atribuído à urina de aranhas ou ao contato acidental com lagartixas e cobras (Theotônio, 2010; Ávila, 2012 e Andrade, 2019); além de torcicolos, dores de dente e até mesmo cuidados destinados a animais doentes. Essas enfermidades, embora entendidas popularmente como físicas, expressam também desequilíbrios espirituais, revelando a visão integral de corpo e alma presente no universo dos benzedores.

As práticas dos benzedores, no entanto, não se limitam às orações, mas envolvem uma diversidade de materiais e elementos rituais que reforçam a eficácia simbólica. Entre esses recursos, as plantas sempre ocuparam lugar central, constituindo-se como elementos indispensáveis tanto no campo medicinal quanto no simbólico e ritualístico.

Desde os primórdios da civilização, as plantas ocupam um lugar central na vida humana, não apenas como fonte de alimento, mas também como recurso terapêutico e elemento de mediação em rituais de proteção e cerimônias religiosas (Maciel e Neto, 2006). O conhecimento tradicional, transmitido oralmente de geração em geração, confere a essas espécies um sentido que ultrapassa o uso medicinal: elas também carregam significados simbólicos e mágicos, relacionados à proteção espiritual, ao afastamento e à neutralização de energias negativas.

A erva representa o remédio e o antídoto contra as doenças, sendo entendida como um instrumento fundamental no processo de cura. Entre os benzedores, presentes em diferentes regiões do país, os ramos ganham protagonismo nos rituais, pois simbolizam vitalidade e atuam como veículo de transferência do mal-estar ou da doença para a planta. Assim, além da função prática de auxiliar no tratamento das enfermidades, as plantas assumem uma dimensão sagrada, legitimada pela crença na sua força espiritual e pela tradição mítica que as envolve.

¹⁰Diversos estudos apontam que algumas plantas se destacam nas práticas de benzeção justamente por articularem valor terapêutico e simbólico, incorporando aos saberes populares. Oliveira e Trovão (2009) ressaltam que as benzedeadas associam determinadas plantas à absorção de energias negativas, destacando espécies consideradas fortes, como o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e a arruda (*Ruta graveolens* L.), e espécies consideradas mais fracas, como a algaroba (*Prosopis juliflora* (SW) DC) e o nim (*Azadirachta indica* A. Juss.). Theotônio (2010) e Pimentel (2006) citam ainda a vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) como plantas de grande relevância nos rituais de cura, associadas ao afastamento do mau-olhado e do quebranto, simbolizando a ligação entre o homem e o sagrado. Estudos adicionais destacam a malva (*Malva sylvestris* L.) como plantas recorrentes nas práticas de rezas e benzimentos (Coutinho, 2018; Nóbrega, 2017). O papel dessas plantas nos rituais é duplo: funcional, atuando como veículo de transferência e neutralização das enfermidades, e sacral, possuindo valor simbólico e representando força vital, impregnando os ramos e folhas com poderes de cura (Arruda Camargo, 2006; Theotônio, 2010).

Dessa forma, a literatura evidencia um repertório de plantas fundamentais para as práticas de benzeção, as quais não podem ser compreendidas apenas sob a ótica da fitoterapia. Segundo Oosterhout (2010), a fitoterapia consiste no uso de plantas, ervas, óleos e outros elementos naturais com fins terapêuticos, baseando-se em saberes tradicionais de origem indígena, africana e europeia. Trata-se de uma prática empírica e culturalmente híbrida, voltada à cura de enfermidades e à preservação do bem-estar físico e espiritual. Elas se constituem como um patrimônio simbólico que combina dimensões funcionais, como a neutralização de doenças e desequilíbrios físicos, e dimensões sacrais, relacionadas à força vital, e à capacidade de mediação entre o humano e o espiritual. Nessa perspectiva, a ação curativa das ervas não se restringe ao efeito biológico de seus princípios ativos, mas se amplia pela eficácia simbólica e ritual, legitimada pela tradição oral e pela crença coletiva. Assim, a fitoterapia, quando inserida no universo dos benzedores, é expressão de um hibridismo cultural-religioso, em que saberes

¹⁰ Todos os nomes científicos mencionados ao longo do texto foram retirados de estudos anteriores que registram e sistematizam essas denominações, entre eles Oliveira e Trovão (2009), Pimentel (2006), Coutinho (2018), Nóbrega (2017), Arruda Camargo (2006) e Theotônio (2010). Ressalta-se que os nomes científicos aqui empregados correspondem às espécies associadas às denominações populares conforme o uso regional no Alto Sertão Baiano, uma vez que uma mesma designação popular pode referir-se a espécies distintas em outras regiões. Complementarmente, foram consultados sites especializados que disponibilizam listas atualizadas de espécies e suas nomenclaturas, tais como: <https://portal.ifs.ifsuldeminas.edu.br/index.php/plantas-medicinais/plantas-medicinais-plantas-nome-cientifico>. Acessado em: 21 out. 2025; <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/recursos-geneticos-1/lista-de-plantas>. Acessado em: 21 out. 2025; https://cbpm.fiocruz.br/index?spp_popnames. Acessado em: 21 out. 2025.

indígenas, africanos e europeus se entrelaçam, conferindo às plantas um papel central em um sistema de cura que integra corpo, fé e espiritualidade.¹¹

O formulário aplicado durante a pesquisa confirma e atualiza esse repertório, indicando como mais recorrentes a arruda, o alecrim, o tipi/guiné (*Petiveria alliacea.*), a flor de sabugueiro (*Sambucus nigra*) e os ramos de São João (*Hypericum perforatum*).¹² Essas espécies são empregadas em passes sobre o corpo, banhos de descarrego, chás e defumações. A escolha, segundo os relatos, não se baseia apenas em propriedades medicinais, mas sobretudo no valor simbólico e espiritual atribuído a elas.

Esses dados revelam como os sujeitos da pesquisa ressignificam e atualizam um saber transmitido oralmente, que se mantém vivo na experiência cotidiana dos benzedores. O uso das ervas, mais do que recurso terapêutico, constitui-se em veículo simbólico e espiritual, capaz de estabelecer pontes entre corpo, fé e comunidade. Assim, a fitoterapia popular, quando inserida nos rituais de benção, assume caráter híbrido: natural e sagrado, empírico e simbólico, terapêutico e espiritual.

Também se evidenciam símbolos e objetos religiosos, como o terço, a cruz e rezas tradicionais do catolicismo popular, que conferem legitimidade espiritual à prática. Além disso, o uso de velas, água e flores também foi mencionado: as velas simbolizam luz e proteção; a água, muitas vezes identificada como água benta ou misturada a essências florais, é associada à purificação e limpeza espiritual; e os copos de água são compreendidos como receptores de energias negativas. Por fim, alguns relatos evidenciam instrumentos rituais específicos, como o uso de novelos de linha e agulha durante as rezas, bem como ramos molhados na “primeira água das chuvas”, considerados particularmente eficazes. Esses exemplos revelam a capacidade de adaptação e a criatividade ritual presentes no saber dos benzedores, evidenciando a riqueza e a complexidade de suas práticas, revelando como estão profundamente conectadas ao sincretismo religioso, com forte influência do catolicismo popular, além de elementos das religiões afro-brasileiras e indígenas. Como mostra Moura (2007), tais objetos e gestos não são

¹¹ Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout, em sua tese de doutorado *A Cura pela Fé: Crenças, Saberes, Práticas e Poderes no Mundo Rural do Nordeste Brasileiro* (2010), cita Araújo (2004), que observa que a medicina popular se articula em diferentes níveis — mágica, empírica e fitoterápica — revelando um campo híbrido de saberes. Sérgio Buarque de Holanda (apud Araújo, 2004) destaca que a chamada “medicina rústica” resulta da confluência de tradições indígenas, africanas e europeias, responsáveis pela incorporação de ervas, defumações e óleos medicinais às práticas de cura. Oosterhout (2010) enfatiza ainda que, no catolicismo popular, a fitoterapia quase sempre se combina com orações e símbolos religiosos, caracterizando o que se denomina “hibridismo cultural-religioso”.

¹² Dados obtidos nos formulários aplicados durante a pesquisa realizada em Guanambi, Caetité e distritos circunvizinhos (2025).

simples utensílios, mas se convertem em signos ideológicos¹³, pois refletem e retratam uma outra realidade simbólica compartilhada pela comunidade. Esses objetos, mais do que instrumentos de ritual, funcionam como mediadores entre o sagrado e o cotidiano, reforçando a materialidade da fé e a continuidade das tradições populares. O uso de ramos, pedras e água, por exemplo, só adquire sentido dentro dessa prática cultural, transformando-se em mediadores entre o sagrado e o cotidiano dessas pessoas, o que evidencia a força de símbolos místicos que estruturam a benzeção. Assim, os signos presentes no ritual confirmam que a benzeção é mais do que um ato de cura: é uma prática de fé e transmissão cultural.

Dona Helena exemplifica a permanência e vitalidade dessas práticas no cotidiano. Ela relata que muitas pessoas ainda a procuram para rezar e interceder em casos de cura, narrando situações em que suas orações foram associadas à melhora de enfermos: *“Muita gente de São Paulo, Goiana, eu rezo por tudo. Eu rezo até as meninas de doutor -----, oia, ele tava com a menininha com desinteria levou no médico não sei quantas vezes, ai falou passa na benzedeira, ai ela pontou aqui e eu falei passa o nome da menina que vou rezar aqui e ai eu rezo elas ai eu rezei e depois no outro dia ela já tava boa já.”* Em suas falas, Dona Helena enfatiza que a eficácia da benzeção depende essencialmente da fé e da crença de quem reza e de quem recebe a bênção. Afirmar lidar frequentemente com casos de “olho gordo”, “mau-olhado”, além de realizar rezas voltadas à abertura de caminhos e à cura de doenças. Em determinadas situações, orienta também o uso de banhos e remédios caseiros, demonstrando a integração entre o saber espiritual e o conhecimento sobre as ervas.

Dona Helena manifesta grande apreço pelas plantas, afirmando que desde criança cultivava espécies que considera protetoras e curativas. Em seu quarto, mantém exemplares de guiné, espada-de-São-Jorge (*Dracaena trifasciata*) e comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia seguine*), dispostas na entrada como forma de proteção espiritual. Em seu altar, também há uma espada-de-São-Jorge, além de outras plantas cultivadas no abrigo, como a babosa (*Aloe vera*) e o alecrim, que, segundo ela, são remédio. Tais elementos reforçam a dimensão simbólica e espiritual das ervas no universo das benzeções, articulando o cuidado do corpo, da fé e do ambiente.

¹³ O signo ideológico, segundo Bakhtin (apud Moura, 2007), é todo signo que carrega valores sociais e culturais, refletindo e refratando uma realidade simbólica. No contexto das benzeções, como mostra Moura (2007), palavras, objetos e gestos transformam-se em signos ideológicos, pois só adquirem sentido dentro da tradição e da fé compartilhada pela comunidade.

Assim como Dona Helena, que exemplifica a permanência e vitalidade das práticas de benção no cotidiano, Seu Gracilio também revela a estreita vinculação entre fé, uso de plantas e orações tradicionais. Enquanto Dona Helena enfatiza que muitas pessoas a procuram para rezar e interceder em casos de cura, relatando, por exemplo, situações em que suas orações foram associadas à melhora de enfermos, Seu Gracilio reafirma essa articulação entre espiritualidade e cuidado ao explicar como emprega plantas e rezas em seu trabalho. Ele destaca que *“Se eu vejo na reza eu passo o remédio se a reza curar... [...] às vezes na farmácia, eu vejo na reza porque eu tô rezando lá a pessoa aí eu vejo na reza eu vou e passo o remédio porque talvez pode ser um chá e a gente tem o poejo ou qualquer coisa, a gente faz o chá.”* Quanto ao uso das plantas, comenta ainda: *“Você pode usar qualquer tipo de planta. Às vezes você tem o manjeriço, às vezes você tem o hortelã levante ou uma favaguinha, aquele poejo.”*

Durante a entrevista, Seu Gracilio detalhou os processos das benções e suas práticas, evidenciando um conjunto amplo de rezas específicas para diferentes males. Ele explica: *“As rezas que eu rezo dá umas 50 reza, mas em uma sozinha fala sobre a reza toda porque tem a palavra e já naquela outra reza já muda outra palavra porque cada uma, cada doença tem uma palavra. [...] Uma reza vale pra 10 pessoas ou mais. Pode fazer um grupo assim ó aí cê me dá o nome das 10 pessoas aí quando eu tiver rezando aí eu oio nas pessoas se uma pessoa tiver mais mal eu falo ocê tá precisando de remédio, se você não tiver sentindo nada às vezes as 10 pessoas não tá sentindo nada mas as três ou quadro, mas depois ali no meio eu escolio qual tá precisando, então eu falo pra comprar o remédio ou uma reza mais coisada ou se você tiver com a espinhela caída, que médico nenhum levanta a espinhela caída.”*

Além da espinhela caída, Seu Gracilio destaca que reza para diferentes finalidades, abrangendo desde quebranto e olho gordo até dores específicas ou enfermidades que acometem animais. Como ele afirma: *“rezo todos”*. Assim como Dona Helena, que integra rezas, banhos e ervas no atendimento às pessoas, Seu Gracilio também organiza seu fazer a partir da complementaridade entre palavra, gesto ritual e uso de plantas.

No decorrer da conversa, ele fez questão de recitar algumas de suas rezas, explicando suas finalidades e pedindo que fossem registradas. Para dor de dente, relata: *“quando a pessoa tá com dor de dente você fala assim: Santa Pelhona tá sentada na sua pedra de ouro fino, sua mão direita gemendo e chorando e Nossa Senhora chega e fala o que é isso? Uma dor de dente, então pelas águas crescente força de Deus do divino espírito santo pega essa dor de dente de bota fulano né, eu jogo no fundo do*

mar. Com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Maria valedo Maria valedo com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Ai agora aquela dor de dente se você tiver fé mesmo você já vai melhorando.”

Para crianças com quebranto, descreve outra oração: *“Outra reza de criança, pra criança poder, quando a criança tá com quebranto é quase a mesma reza, aí já mistura com outra, sabe? Ai cê fala assim ó: Deixa eu vê eu vou com a criança assim assim (gesticula como se estivesse segurando a criança no colo, um bebê) eu rezo e falo assim e dá o nome da criança eu vou e falo assim ó (gesticula fazendo o sinal da cruz na testa da criança), Virgem minha Conceição valeime Virgem minha Conceição valeime tira esse quebranto que essa criança que com o nome que eu sei, aí agora eu já joga uma palavra daquela que eu falei, eu tiro esse quebranto e joga no fundo do mar pelo poder de Deus e da Virgem Maria.”*

Também apresenta rezas voltadas à proteção e ao alívio de inquietações: *“Então quando você, quando você sente um remeço assim e querer voltar talvez você quer ir aquela viagem e faz assim, faz assim ah podia não ter ido, aí você fala assim ó: Cede meu favor da Virgem soberana, me livrar do inimigo com vosso valor Jesus de Nazaré de maior milagre apujentai o demônio com a boa palavra. Ai você vai e entra na estrada você vai mais sossegado.”*

E ainda outra, de proteção na estrada: *“Outra reza é assim ó: Que Jesus vai na estrada enquanto Miguel. Pronde vai? Vou curar vou tratar. Volta pra traz. Pisa nas minha 3 pisadas quem reza quem cura. É sou eu, é Jesus. Com os podres de Deus e da Virgem Maria vai livrar dos perigos.”*

Assim, tanto Dona Helena quanto Seu Gracilio reforçam a centralidade da fé, do conhecimento sobre ervas e da tradição oral em suas práticas. Ambos revelam a complexidade desses saberes, que articulam corpo, espiritualidade, e o domínio simbólico das palavras, reafirmando a continuidade das benzeções como prática social significativa.

4.1. Guardiões Dos Saberes

Santos (2016) ressalta que os benzedores, frequentemente marginalizados, desempenham um papel fundamental na preservação de saberes tradicionais. Suas práticas, que

envolvem orações, ervas e rituais, refletem a resiliência cultural das comunidades que as mantêm vivas, especialmente em contextos de exclusão social e de acesso limitado a serviços médicos oficiais. Nesse sentido, retomando a reflexão de Pollak (1989), pode-se afirmar que tanto os benzedores quanto suas práticas constituem uma forma de “memória subterrânea¹⁴”. Por estarem à margem da legitimidade institucional, esses saberes são socialmente desvalorizados, mas permanecem ativos como herança cultural transmitida de geração em geração, revelando narrativas e experiências que não encontram espaço na memória oficial, mas que resistem no cotidiano comunitário. Essa permanência está intimamente ligada ao fato de que tais memórias e saberes se enraízam na vida prática e simbólica das comunidades, funcionando simultaneamente como mecanismos de cura e como elementos de identidade coletiva, reforçando o saber cultural frente aos discursos dominantes da medicina científica e da religião institucionalizada.

As respostas ao questionário revelam percepções que partem de pessoas que efetivamente recorrem os benzedores e se benzem, ou seja, trata-se da visão de sujeitos que vivenciam a prática em seu cotidiano. Nesse sentido, a procura pelo benzimento aparece associada à fé, à crença na eficácia da reza e ao reconhecimento de que certos males — como “quebrante” ou “cobreiro” — não encontram respostas satisfatórias na medicina oficial. Para os respondentes, o benzedor representa uma figura próxima e acessível, em contraste com a distância histórica dos médicos em relação às populações rurais, o que reforça o valor social e cultural desse saber tradicional.

Os depoimentos também ressaltam que os benzedores são vistos como guardiães de conhecimentos ancestrais, transmitidos de geração em geração, cuja legitimidade se sustenta tanto pelos resultados práticos quanto pela dimensão espiritual envolvida. Recorrer às rezas, às ervas medicinais e aos rituais de proteção é compreendido não apenas como um ato de cura, mas como expressão identitária e de continuidade cultural. Nesse aspecto, os benzedores assumem a função de mediadoras entre passado e presente, guardando e compartilhando saberes que carregam longa historicidade e que se mantêm vivos justamente por sua capacidade de adaptação às necessidades cotidianas. Assim, para aqueles que participaram da pesquisa, a benzeção não se configura como alternativa inferior à medicina científica, mas como prática complementar, enraizada na fé e na experiência comunitária.

¹⁴ Michael Pollak em seu livro *Memória e Identidade Social* (1989) destaca a existência de “memórias subterrâneas”, que são os saberes e lembranças marginalizados pela história oficial, mas preservados nas práticas cotidianas de grupos populares.

Quando questionados se acreditam que o benzimento ainda é uma prática forte na região, os respondentes manifestaram certa ambivalência: embora reconheçam a vitalidade da tradição, também apontam sinais de enfraquecimento, devido ao falecimento dos mais velhos e à ausência de interesse das novas gerações em dar continuidade ao ofício. Essa percepção revela a consciência, por parte dos próprios praticantes e usuários, de que o saber corre risco de perder espaço se não houver transmissão efetiva. O material coletado, portanto, evidencia tanto a permanência quanto a vulnerabilidade dessa tradição, o que permite refletir sobre o lugar das pessoas que benzem como figuras centrais na preservação de crenças e saberes populares, em constante tensão entre continuidade e transformação.

Além da dimensão de cura, a ação dos benzedores se estende ao fortalecimento dos vínculos comunitários. A prática do benzimento configura-se também como um espaço de encontro, no qual a escuta, a palavra e o acolhimento exercem funções terapêuticas que ultrapassam o ato ritual. Nesse sentido, tais praticantes preservam não apenas orações ou o uso de plantas medicinais, mas igualmente uma forma de sociabilidade que reafirma valores de solidariedade, pertencimento e espiritualidade coletiva. Entre os exemplos dessa articulação entre cuidado e confiança comunitária encontra-se Seu Gracilio, frequentemente procurado não apenas pela eficácia atribuída às suas rezas, mas também pela credibilidade construída ao longo de sua trajetória.

Diversas situações relatadas por ele evidenciam esse laço de confiança. Em uma delas, descreve o caso de um homem internado cujo estado preocupava a família. A esposa, acreditando em seus saberes, pediu que ele rezasse; durante a reza, Seu Gracilio afirma ter visto que o homem estava com infecção e que em breve apresentaria febre, necessitando de uma injeção. Ao comunicar a esposa, ela buscou o médico, que, após avaliar o caso, concordou com a necessidade do procedimento e questionou como ela havia chegado a tal conclusão, ilustrando, assim, o modo como esses saberes circulam e se legitimam socialmente.

Outro episódio narrado por ele reforça a mesma dinâmica de confiança. Trata-se de *“uma moça que gastou muito com médicos e outras pessoas que praticam a cura porém que cobra não conseguia melhorar”*. Seu Gracilio conta que rezou nela durante três dias consecutivos e orientou apenas o uso de um sonrisal; após isso, ela conseguiu comer e beber novamente, embora ainda demonstrasse receio de voltar a se alimentar. Segundo seu relato, ele a aconselhou: *“faz uma farofinha primeiro aí agora cê pega um copo de suco e come assim de uma vez assim e bebe o suco que não volta mais”*. A melhora progressiva da jovem, associada

à orientação ritual e cotidiana, reafirma o entrelaçamento entre cuidado simbólico, apoio emocional e saber prático.

Tais situações demonstram que o benzimento reúne uma complexidade de saberes que envolve espiritualidade, prática comunitária e uma ética do cuidado que perpassa corpo, palavra e sociabilidade.

Outro aspecto importante é a capacidade dos benzedores de integrar diferentes saberes, articulando elementos da religiosidade popular e de outras tradições. Essa flexibilidade cultural confere às práticas de benzimento um caráter dinâmico, capaz de dialogar com diversas crenças e de se adaptar às transformações sociais sem perder sua essência. Um exemplo dessa integração é observado em Dona Helena, que em seu altar mantém imagens de santos católicos, uma bíblia e diversas plantas, símbolos que representam simultaneamente o sagrado, a proteção espiritual e o saber natural transmitido pelas gerações. Esses elementos não apenas compõem o espaço devocional da benzedeira, mas também são utilizados em suas práticas de reza e cura, nas quais ela combina a fé cristã com o uso de ervas e rituais tradicionais. Essa composição revela a convivência harmônica entre fé, natureza e tradição, demonstrando como os benzedores ressignificam suas práticas a partir da experiência vivida. Dessa forma, ao perpetuar orações, gestos e rituais, os benzedores atuam como mediadoras entre o sagrado e o cotidiano, ressignificando experiências de dor e de cura à luz da fé.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o estudo das práticas de benzeção evidencia a importância da religiosidade popular como prática cotidiana que articula saberes tradicionais, experiências vivenciais e crenças espirituais. Os benzedores ao rezar e utilizar plantas medicinais, exercem um papel relevante na vida das comunidades, transmitindo conhecimentos que foram moldados e aperfeiçoados ao longo do tempo. Seus gestos, palavras e rituais não se limitam à cura física ou espiritual, mas configuram uma forma de interação social, onde a fé se manifesta de maneira acessível, significativa e profundamente humana.

Assim, compreende-se que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas como a expansão das igrejas neopentecostais, o enfraquecimento das práticas tradicionais e a invisibilidade social, essas pessoas permanecem como presença viva no cotidiano e na espiritualidade das comunidades. Ainda que muitas tenham falecido ou interrompido suas atividades, seus nomes, gestos e rezas continuam ecoando na lembrança popular, reafirmando o papel desses indivíduos como guardiões da fé e do saber ancestral. Diversas pessoas que foram benzidas na infância conservam essas recordações com carinho e respeito, e muitas delas reproduzem o gesto com seus próprios filhos, garantindo a continuidade dessa tradição.

O cotidiano dessas mulheres e homens demonstra como práticas tradicionais se mantêm vivas, sendo incorporadas e reinterpretadas por novas gerações, e como o saber popular é produzido, compartilhado e modificado a partir da experiência, da observação e da vivência diária. Cada reza, cada gesto e cada indicação de plantas medicinais carrega consigo histórias, significados e valores que consolidam vínculos afetivos e sociais dentro das comunidades, reforçando a dimensão humana e cultural desses saberes.

Portanto, estudar suas práticas implica reconhecer a complexidade da religiosidade popular, entendendo que ela não é apenas um fenômeno espiritual, mas também um modo de vida que estrutura relações, cria sentidos e preserva conhecimentos fundamentais para a vida comunitária. Ao registrar, analisar e refletir sobre essas práticas, evidencia-se a riqueza do cotidiano como espaço de criatividade, aprendizagem e expressão da fé, mostrando que os saberes populares continuam a ocupar um lugar significativo na construção das experiências humanas, atravessando gerações e mantendo viva a tradição.

Nesse sentido, a pesquisa assume também um compromisso ético com os sujeitos e os contextos investigados, compreendendo que a produção do conhecimento deve dialogar com as comunidades que o tornam possível. Assim, os resultados do estudo serão compartilhados por

meio de momentos de apresentação nas comunidades de Caetitê e Guanambi, bem como pela socialização dos principais achados com os benzedores e seus familiares. Essa partilha contribui para o retorno social e epistemológico do conhecimento construído, reafirmando o princípio da reciprocidade entre pesquisador e comunidade, fortalecendo os vínculos estabelecidos ao longo da pesquisa e valorizando os saberes que sustentam essas práticas no cotidiano comunitário.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marco Paulo. *Tradição e Modernidade: Estudo sobre as Representações e Práticas Culturais da Benzeção*. 2019. 135 p. Dissertação (Pós-Graduação em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 2019. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/27534>. Acesso em: 20 jun. 2025
- ARRUDA-Camargo, M. T. L. Os Poderes das Plantas Sagradas numa Abordagem Etnofarmacobotânica. *Rev. Do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, v. 15-16, p. 395-410, 2006. . Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310812216_Os_poderes_das_plantas_sagradas_numa_abordagem_etnofarmacobotanica. Acesso em: 25 jun. 2025
- ÁVILA, Júlia Vieira da Cunha. *Etnobotânica de Plantas Utilizadas como Medicinais pelos Benzedores nos Municípios de Imbituda e Garopaba – SC – Brasil*. 2012. p. 104. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132646>. Acesso em: 30 jun. 2025
- AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**. Aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BASTOS, Nayara Gomes. **A ecologia humana do benzimento: saberes ancestrais de cura no território baiano**. 2024. 210 f. Tese (Doutorado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/8075>. Acesso em: 28 out. 2025.
- CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. *Revista de C. Humanas, Viçosa*, v. 11, n. 2, p. 359-373, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3472>. Acesso em: 20 dez. 2025
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: <https://gambiarre.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/09/michel-de-certeau-a-invencao-do-cotidiano.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol.8, nº16, 1995, p. 179-192. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2005>. Acesso em: 01 jun. 2025
- COELHO, Miguel Alexandre Batista. **Religiosidade Popular: Tradições, Práticas e Mitos**. Dissertação de Mestrado em Teologia - Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/22995>. Acesso em: 12 abr. 2025
- COUTINHO, Amanda Lucena. **Conhecimento e Utilização de Plantas Mágico-Religiosas por Rezadeiras do Semiárido Paraibano**. João Pessoa, 2018. Disponível em: www.repositorio.ufpb.br. Acesso em: 01 ago. de 2025.

COUTINHO, Amanda Lucena. **Conhecimento e Utilização de Plantas Mágico-Religiosas por Rezadeiras do Semiárido Paraibano**. João Pessoa, 2018. Disponível em: www.repositorio.ufpb.br. Acesso em: 01 de Ago. de 2020.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, Nestor. **Religião como objeto de ciência: a ideia de uma disciplina epistemologicamente autônoma a partir de uma abordagem definicional**. 2022. 299p. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25212>. Acesso em: 05 jan. 2025

GOMES, Maiza Messias. **Cultura popular no Alto Sertão Baiano: a tradição do Vai de Virá em Guanambi - BA**. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11144>. Acesso em: 23 ago. 2025

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições, Vértice, 1990.

ISER (Instituto de Estudos da Religião). **Dicionário para entender o campo religioso: volume 1**. Organização: Livia Reis, Regina Novaes, Magali Cunha, Laryssa Owsiany. Rio de Janeiro: ISER, 2022.

MAGALHÃES, Cícero Edvam. **Religiosidade e teologia popular à luz da eclesiologia de José Comblin**. 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/RELIGIOSIDADE-E-TEOLOGIA-POPULAR-A-LUZ-DA-ECLESILOGIA-DE-JOSE-COMBLIN.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024

MONTE, T. M. de C.C. A religião e sua função social. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], n. 5, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4619>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MOURA, Deije Machado de. **Benzeduras: tradição popular cujos sentidos entrelaçam signos verbais e não-verbais**. UNEB/PUCRS, 2007. Disponível em: https://ucpel.edu.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/86.pdf. Acesso em: 01 mar. 2025

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2106>. Acesso em: 12 mar. 2025

NASCIMENTO, João B.V. **Teologia da prosperidade e política no Brasil a partir do século XX: Do Pentecostalismo Aos Batistas Tradicionais No Sudoeste Baiano**. 2022. 293p.

Tese (Doutorado em Ciências das Religiões). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

NÓBREGA, Jéssica Yasmine de Lacerda. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em rezas e benzeduras em municípios do sertão paraibano. 2017. 44 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sistemas Agroindustriais) - Programa de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, Paraíba, Brasil, 2017. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/2869>. Acesso em: 14 ago. 2025

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva de; TROVÃO, Dilma Maria de Brito Melo. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, [S. l.], v. 7, n. 3, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbrasbioci/article/view/114874>. Acesso em: 01 jul. 2025.

PIMENTEL, Cristiane Maria Sales. **Rezadeiras: uma fé popular**. Orientador: Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho. 2006. 96 f. TCC (Graduação em Jornalismo) – Curso de Comunicação Social, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51586>. Acesso em: 10 jul. 2025.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-de-michael-pollak-memoria-e-identidade-social/view>. Acesso em: 06 ago. 2025

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo (14), fevereiro: 1997. Disponível em: <https://share.google/423kXX3TveRko04Nh>. Acesso em: 17 mar. 2025

PRANDI, R. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social** – revista de sociologia da USP. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/08.pdf>, Acesso em: 22 jun. 2024.

REIS, Livia; NOVAES, Regina; CUNHA, Magali; OWSIANY, Laryssa (coords.). **Dicionário para entender o campo religioso**. Volume 1. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião (ISER), 2023. 215 p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, p. 89, 2015.

SANTOS, Francimário Vito. **O Ofício das Rezadeiras: Um estudo Antropológico sobre as Práticas Terapêuticas e a Comunhão de crenças em Cruzeta/RN**. 2007. 196 p. Dissertação (Pós-graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12291>. Acesso em: 02 jul. 2025

SANTOS, Luene Gonçalves dos. **A inserção das benzeduras no meio popular** (Pires do Rio e Palmelo). 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3363>. Acesso em: 03 jun. 2025

SILVA, Elizete da. **Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira:** Evangélicos Progressistas em Feira de Santana. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2010

SILVEIRA, Ronie Aleksandro Teles da; LOPES, Marcos Carvalho (orgs.). **A religiosidade brasileira e a filosofia.** Porto Alegre: Editora Fi, 2016. 296 p.

SOUSA, Ronald Felipe Barreto de. **Pra Curar tem que ter Fé:** Curandeiros, Benzedeiros e Rezadores –Memórias de Indivíduos numa Perspectiva Histórica. Universidade Federal do Ceará, XIV Encontro Estadual de História do Ceará, 2013. Disponível em: http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9359-10082014-221519.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

TEIXEIRA, Maria Soares da Silva. TEIXEIRA, José Bonifácio. **Guanambi:** histórias, memórias e retratos de várias épocas. Guanambi: próprios autores, 2019. 490 p.

THEOTONIO, A. C. R. Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia-PB. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2010. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/3745>. Acessado em 16 jul. 2025

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Fontes orais

PIMENTEL, Gracilio de Oliveira, Gracilio de Oliveira Pimentel, Depoimento [16 de novembro de 2025]. Duração: 01:06:28. Entrevistadora: Líslei Souza Duarte. Mutans/Guanambi, 2025. Gravador smartphone. Morador de Mutans. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Entre Rezas e Benzeções: expressões da fé e dos saberes dos benzedores em Caetité e Guanambi.

PRATES, Helena Xavier, Helena Xavier Prtaes, Depoimento [28 de outubro de 2025]. Duração: 00:40:45. Entrevistadora: Líslei Souza Duarte. Caetité, 2025. Gravador smartphone. Moradora de Caetité. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso com a titulação: Entre Rezas e Benzeções: expressões da fé e dos saberes dos benzedores em Caetité e Guanambi.

APÊNDICE

Questionário para pesquisa acadêmica sobre práticas tradicionais de cura e benzimento

Olá! Sou Líslei Duarte, acadêmica em História pela UNEB/DCH VI – Caetité.

Este questionário integra minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado pelo Profº. Dr. João Batista Nascimento. O estudo busca compreender como essas práticas de cura e reza se mantêm vivas nas comunidades, quem são os benzederos que as realizam e de que forma esse conhecimento é transmitido. Mais do que apenas registrar os rituais, a pesquisa pretende valorizar esse saber popular como parte importante da história e da cultura popular, muitas vezes invisibilizado.

Sua contribuição, seja indicando benzedeiros ou compartilhando experiências, é essencial para que esse conhecimento não se perca. Agradecemos desde já pelo apoio!

** Indicates required question*

1. Você conhece alguém na cidade de Guanambi ou Caetité (incluindo distritos) que faz benzimento?

Mark only one oval.

Sim

Não

2. Se sim, em qual cidade ou distrito essa pessoa mora?

3. Você lembra e pode nos informar o nome da Benzedeira ou do Benzedeiro?

4. Você pode nos informar onde mora esse(a) benzedeiro(a)? (Rua, bairro, ponto de referência.)

5. Você ou alguém de sua família já foi benzido(a)?

Mark only one oval.

Sim

Não

6. Se sim, para qual finalidade foi feito o benzimento? (Ex.: cura de doenças, proteção, "quebranto", etc.)

7. Quais materiais ou elementos você já viu serem usados no benzimento? (Ex.: ervas, velas, rezas, cruzes, etc.)

8. Há algum ritual específico que você observou? (Ex.: soprar na pessoa, bater com ramos, usar objetos sagrados, etc.)

9. Você acredita que o benzimento ainda é uma prática forte na região?

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Other: _____

10. Por que você acha que as pessoas ainda procuram benzedeiros(as) em vez de apenas médicos?

11. As informações coletadas neste questionário **serão utilizadas exclusivamente *** **para fins acadêmicos**, como parte da pesquisa "Entre Rezas e Benzeções: Expressões da fé e dos saberes dos benzedores em Caetité e Guanambi", vinculada ao curso de Licenciatura em História.

Nenhum dado pessoal (nome, contato, localização específica) será divulgado publicamente sem autorização prévia.

Os relatos serão analisados **de forma agregada**, preservando o anonimato dos participantes quando necessário.

Mark only one oval.

- Estou ciente e participo voluntariamente dessa pesquisa.